

PASSEIO PUBLICO DE HAVANA.

A ILHA de Cuba é incontestavelmente a mais rica, a mais civilizada e a mais importante colonia de Hespanha. Politicamente é repartida em duas provincias: Havana e Santiago de Cuba; militarmente comprehende tres grandes divisões. O poder judicial é exercido pela *real audiencia* da Havana e Porto-Principe. O capitão-general, governador da colonia, é o presidente; os seus delegados nos districtos exercem igualmente as funções de magistrados. Onde não ha commandantes militares fazem as suas vezes os *alcaldes*. Nas povoações ruraes ha tambem *jueces pedaneos*, que são igualmente nomeados pelo governador. A administração das finanças é feita sob a inspecção das tres intendencias de Havana, Matanzas e Santiago; pelo que respeita á parte maritima, é a ilha de Cuba repartida em cinco provincias ou departamentos, cujas capitaes são Havana, Trinidad, Santiago, S. Juan de los Remedios, Nuevitas. Finalmente, se a considerarmos na sua divisão ecclesiastica, comprehende um arcebispado, o de Santiago, e um bispado, seu suffraganeo, o de Havana.

A população da ilha de Cuba era em 1850 de 898:752 habitantes, 425:767 brancos e 472:985 de cor, dos quaes 323:759 eram escravos; a população fluctuante orçava por 40:000. Em 1821 a população da ilha de Cuba era de 630:980 almas, comprehen-

dendo 290:021 brancos; e em 1823 de 700:000, incluindo 317:000 brancos.

A ilha de Cuba tem 263 leguas de comprimento, e em largura entre 10 a 40. A sua extensão territorial foi ultimamente avaliada em 2,811:048:960 ares. Destes sómente um decimo se acha em estado de perfeita cultura; o resto ou está inculto, ou cuberto de soberbas florestas, que fornecem ao commercio excellentes madeiras de construcção. Os principaes estabelecimentos agricolas são: 25:292 herdades; 9,102 *vegas* de tabaco; 1:670 de café; 1:442 engenhos de assucar. Em 1827 continha apenas 13:000 herdades, 5:000 *vegas* de tabaco, e 510 engenhos. Esta ilha é abundantissima de minas de cobre, de que não se tem tirado todo o partido possível, mas de que todavia já se recolhem, termo medio, 946:230 quintaes annualmente.

Cuba produz em cada anno proximoamente assucar 17.839:421 arrobas; 1.470:750 arrobas de café; 168:094 volumes de tabaco em folha, etc. A sua producção agricola total, incluindo o valor estimativo dos gados, calcula-se em 58 mil contos de réis!

A sua importação foi, em 1847, de 31 mil contos, e a exportação de 27 mil contos. O commercio da metropole foi representado n'este grande movimento pela somma de 11 mil contos. Por este resu-

DEZEMBRO 11, 1852.

mo pôde-se fazer uma idéa da immensa importancia commercial da ilha de Cuba, e comprehende-se facilmente o motivo porque os americanos indirectamente tem promovido a sua incorporação nos estados da republica.

A energia das auctoridades hespanholas, a disciplina e bravura das suas tropas fizeram malograr as tentativas que se tem realisado n'esse sentido: mas é certo que a Hespanha lucha com um poderoso rival, e que só promovendo, como até aqui, com a maior sollicitude o bem estar d'aquelles povos, e augmentando a sua marinha de guerra, poderá conservar hasteados nas muralhas de Havana o estandarte de Castella.

Desde 1834 construíram-se em Cuba 300 milhas de caminhos de ferro; e 80 acham-se ainda em construcção; as principaes linhas ferreas são a de Havana a União (88 milhas); a de Matanzas a Isabel (47 milhas); a de Nuevitas a Porto-Principe (30 milhas); e a de Cardenas (29 milhas)!

A capital de toda a colonia é a cidade de Havana, com um dos melhores portos da America. É povoação de aspecto triste, e ruas estreitas e tortuosas, com cêrca de 150:000 habitantes; os edificios mais notaveis são a alfandega, o palacio do capitão-general, a grande fabrica do tabaco, e o theatro de Tacon. A nossa estampa representa o passeio publico, que é situado exterior e parallelamente ás muralhas. As suas frondosas ruas são adornadas de lindas fontes, sendo mais notaveis a dos *leões*, a *rustica*, e a da *India*, em frente do campo militar. Esta ultima, realmente sumptuosa, é adornada de uma esttua colossal de formoso marmore, languidamente recostada em uma especie de carro, com a cornucopia e outros emblemas ao lado, symbolisando o typo mas perfeito da raça india. Do seu magnifico pedestal saem quatro largas bicas, que derramam em um bello tanque, grande cópia de excellente agua. Esta fonte monumental, como se pôde observar na gravura, é cercada de um elegante gradamento de ferro, dentro do qual fica um pequeno, mas bem disposto jardim. No centro do passeio, e entre a porta de Monserrate e o theatro de Tacon, ostenta-se o busto, em bronze, da rainha D. Isabel II, que actualmente preside aos destinos da Hespanha.

#### A INSTRUÇÃO PRIMARIA NA INGLATERRA.

PARECE um paradoxo á primeira vista, o avançar, que não ha um caso que deponha contra o systema. Mas o motivo é claro. O contacto e a familiaridade começam logo n'uma idade mui tenra, e na casa de asylo aonde a moral é severissima, a civilidade a primeira exigencia, e aonde finalmente se observam todas as regras e bons costumes que se aprendem no seio das familias, e talvez mais exemplarmente. O systema de separação adoptado nas escolas ruraes de França, tem a experiencia mostrado ser deficiente, ao passo que se tornaria inexequivel no asylo inglez, porque seria absurdo sustentar uma separação, que desaparece ao abrir a porta da aula. O que é certo, repetimos, é que os mestres das escolas primarias na Inglaterra, não tem apontado um unico inconveniente contra o systema. Concorrerá para este resultado a superior moralidade do povo inglez? Creio que não.

As escolas abertas para especulação particular, as escolas catholicas e *Weskyannas*, e as escolas de manhã, concorrem poderosamente para a diffusão do

ensino primario. Todos sabem, que o principio de associação na Gran-Bretanha se presta com tanta vantagem ás combinações engenhosas da philanthropia e da caridade, como aos calculos avidos do interesse. Nem mesmo a sociedade poderia exigir outra cousa na minha opinião.

As escolas de manhã foram instituidas pelos fins do seculo 18.<sup>o</sup> Apesar d'existir uma lei que obriga os mancebos e creanças empregadas nas fabricas, e estabelecimentos de todo o genero, a ir á escola um certo numero de vezes em cada semana, ainda assim, as escolas de manhã são muitissimo frequentadas; cursam-nas alumnos de todas as idades. «Vêem-se ali — diz mr. Hantute — homens de trinta annos, e mulheres de quarenta, que assistem regularmente ás lições. . . Nota-se muitas vezes, que as pessoas encarregadas de ensinar, pertencem ás classes mais elevadas da sociedade ingleza. A aristocracia mesmo não se envergonha d'isso. Em casa do reitor de Saint-Martin em Londres, encontrei eu um velho membro do parlamento, que gasta parte do seu tempo a ensinar na escola de manhã, e que na semana, concorre com os seus esforços ás lições dadas aos pobres no *ragged-schools*.» É uma boa acção, um exemplo edificante, que raro se pratica fóra da Inglaterra, aonde todos comprehendem, que sem instrucção não é possivel um governo livre.

Em tudo o que temos observado n'esse quadro de uma sociedade, que corre para a escola, com mais ancia do que na Roma antiga o povo para o circo, não se divisa a minima influencia directa do estado. A Inglaterra não tem ministerio de instrucção publica, nem o precisa. A lei, sempre em relação com os costumes e indole do paiz, deixa toda a latitude á iniciativa individual, que se exerce livremente sem protecção, e sem restricções. Este é o principio absoluto. No entanto, em 1818, appareceram no parlamento numerosas reclamações contra o systema, que revelava, da parte do governo, uma completa indifferença pela instrucção publica. Estas reclamações, vigorosamente combatidas então pelo espirito anglicano, prevaleceram pouco e pouco. Em 1839 instituiu-se o *Committee of council on education*, conselho encarregado da educação popular. Desde então a acção do estado tem-se tornado mais sensivel, e manifesta-se por subsidios concedidos para a fundação e manutenção das escolas, e por um methodo d'inspecções, que vigorando na metropole, se estende a todos os districtos do Reino-Unido.

A inspecção não governa na escola; não entra n'ella, sem que se prestem a admittir o seu auxilio. Não dá, nem recebe ordens; limita-se a registrar os factos, e dar conta d'elles. Respeita religiosamente a susceptibilidade dos costumes inglezes, que instinctivamente repellem a intervenção governamental, porque elles mesmos têm a iniciativa e força bastante para operarem sem o governo.

Por outro lado, como o conselho superior não distribue fundos do estado senão aos estabelecimentos, que excitam a sua visita; comprehende-se que o espirito de independencia tende a tornar-se menos terrivel, porque enfraquece na expectativa de um subsidio.

Em 1846, o credito annual votado pelo parlamento, e posto á disposição do conselho superior, não excedia a 100:000 libras esterlinas (450:000\$000 réis) e hoje monta a 720:000\$000 réis. Por esta cifra avalia-se a influencia ascendente do estado nos progressos da instrucção. Mas é preciso notar, que essa influencia não se tem operado sem protestos. O velho espirito anglicano, cioso das suas prerogativas, tem-se espantado e indignado, de vêr os agentes

officiaes penetrar nas escolas; a maior parte do clero repelle um systema, que julga uma usurpação.

Em 1850, um numeroso *meeting*, reunido em Londres, votou, segundo o uso, resoluções, pelas quaes era severamente estranhada a influencia do estado nas cousas do ensino. Não é sem interesse notar, que ha hoje em Inglaterra uma tendencia pronunciada para uma especie de centralisação administrativa; começa-se a comprehender, que a sociedade não deve abandonar-se a si mesma.

Em França a centralisação tem sido bastante util ao desenvolvimento da instrucção primaria. Entretanto convirá não perder de vista a Inglaterra, pelo que respeita ao seu systema de associação, que seria um auxilio poderoso aos esforços do estado n'este importantissimo ponto da governação de um povo.

Não apresentamos este systema para ser applicado no nosso paiz; póde-se colher delle alguma cousa, e prova-se no fim de tudo, que as classes superiores da nossa sociedade poderiam dar um grande contingente para o desenvolvimento da instrucção primaria em Portugal, a mais necessaria por certo. É verdade, que os habitos e costumes da Inglaterra divergem absolutamente dos nossos; a religião que os inglezes professam, é diversa tambem, e deve notar-se que a religião é a verdadeira origem d'essa independencia, que o povo inglez sabe manter diante da iniciativa governamental.

Não nos pronunciámos pois absolutamente pelo systema inglez, antes votámos pela influencia directa do estado na instrucção publica, porque d'ella depende a homogeneidade de ensino, e sem esta nunca se conseguirá educar as sociedades para os elevados destinos da civilisação.

Entendemos porém que não devemos desprezar os olhos da Inglaterra, onde o principio de associação, largamente desenvolvido, tem obrado maravilhas, forcejando para que a nossa patria, por meio d'aquelle poderosissimo agente, já que a acção do governo está provado ser insufficiente, saia d'este estado de marasmo intellectual que nos envergonha perante a Europa civilisada.

J. C. HARCOURT.

### THOMAZ ANIELLO (MASANIELLO.)

(REVOLUÇÃO DE NAPOLES EM 1647.)

MASANIELLO lançou bando e pregão contra os nobres, condemnando á morte os que fossem encontrados nas ruas da cidade; enviou ordens contra o duque de Matalona, afim de lh'o trazerem morto ou vivo, e mandou collocar a cabeça e um pé de José Carraffa dentro de gaiolas de ferro suspensas sobre a porta de S. Jennaro. A entrada das gallés reaes que aportaram n'este meio tempo, ainda veiu augmentar as suspeitas e a confusão. O aspecto da capital tornou-se medonho. O castello em som de guerra ameaçava-a. As auctoridades cheias de receio não transpunham o seu recinto. O paço estava fortificado e com guardas dobradas de cavallaria. As ruas com tranqueiras feitas de pipas e sacco de terra; o pão e as subsistencias embarateceram, temendo os açougues e padeiros as violencias do povo. Os particulares ricos escaparam-se, e procuraram salvar as fazendas na cidadella e nos conventos. E nem ahi mesmo ficaram seguros; porque o dictador do mercado, ordenou aos mosteiros que os expulsassem dentro de quatro horas sob pena de os queimar até aos

alicerces. O terror, a expoliação e o sangue, cortejo ordinario da anarchia, seguiam de perto a malograda tentativa da aristocracia, preparando ao mesmo tempo pelo horror dos excessos e iniquidade das vinganças do povo, a sua queda desastrosa. De ambos os lados se despenhavam cegamente no abysmo.

Não havia senão um meio de apaziguar os alvoroços e de pôr fim a um estado intoleravel. O cardeal recorreu a elle. Tornando a avistar-se com o pescador de Amalfi convenceu-o a dirigir-se ao paço para ter uma conferencia com o vice-rei. Thomaz Aniello assentiu, e tendo disposto em companhias armadas pelas ruas de Napoles o seu exercito (cento e quatorze mil homens!) foi ao largo do castello fallar ao povo e publicar as condições. No fim levantando mais a voz perguntou: estaes contentes? Sim! sim! exclamaram todos em um grito unisono. Elle sorriu-se com tristeza, apertou a mão no peito, e com os olhos arrasados de lagrimas que não envergonham o homem forte, redarguiu: Sei que hei de morrer por este feito; o perigo começa hoje para mim. Prometteis em recompensa do que vos tenho servido resar uma Ave Maria pelo descanso da minha alma? A multidão tornou a victorial-o estrepitosamente, jurando defendel-o e sustental-o. Eram as exequias da sua popularidade, e elle sabia-o. Rude de instrucção, mas dotado da vista rapida e profunda, que só dá o genio, percebeu, que esta paz era uma tregua, e que o segundo e verdadeiro combate não se havia de dar senão sobre o seu corpo. Assim aconteceu. A essa hora mesmo tudo se preparava para o precipitar.

Meia hora depois d'esta scena, pelas Ave Marias entrou no paço, deixando no largo vinte mil homens armados, e não consentindo que ninguem o acompanhasse subiu á sala aonde o duque de Arcos o estava esperando; beijou-lhe as mãos, apesar d'elle o levar nos braços, e ambos á janella viram desfilar o povo. A um signal de Masaniello as grossas e nomeosas fillas gritavam tres vezes — viva el-rei de Hespanha! — a outro aceno as vozes calavam-se, e o silencio tornava-se profundo. O vice-rei, notando tão admiravel obediencia, abraçava cada vez mais o pescador, sorrindo muito, e os que o viam saudavam-no, julgando que na pessoa do chefe abraçava a revolução. Engano! Estava tomando a medida do colosso para não errar o segundo tiro, como errára o primeiro. Repetia o abraço do monte das Oliveiras.

Thomaz Aniello não o desconhecia. O seu triumpho fazia-o pallido e humilde. Quando saiu do palacio, a alegria que representava no rosto era falsa, e as providencias severas que adoptou e poz em execução, provam que achára excessiva a benevolencia do duque, e se acautelava. O supplicio de diversos partidarios do duque de Matalona teve por fim lançar o freio do terror á facção da nobreza. Os impostos decretados, e que tanto o desconceituaram, levavam em vista preparar os meios precisos para sustentar a nova lucta, porque a julgava eminente; as eleições que inspirou tenderam a collocar os seus amigos fieis nos logares de confiança, e o sequestro de grandes fazendas, que fez em casa de Pedro Lubrano, João de Cevalhos, e outros muitos arrematantes de impostos, encubriam, sob pretexto de justiça popular, a necessidade de crear alguns rendimentos, que o habilitassem a sustentar as companhias armadas, o nervo e esteio da revolução. Estas providencias geravam odios e inquietações, e elle não o ignorava; mas tinha chegado ao ponto em que não lhe restava senão a escolha do modo, por que havia de succumbir. Não o fazendo caía sem defeza, intentando-o arriscava-se ao golpe de um punhal, ou á balla de um arcabuz, disparado até d'entre os seus auxiliares!

Effectivamente a traição já os minava, e os descontentes não occultavam as queixas e murmurações. A catastrophe avizinhou-se a passos rapidos, tendo por guias a inveja e a venalidade.

N'este meio tempo é que se affixou o edital do vice-rei estabelecendo os privilegios da cidade, abolindo os impostos das subsistencias, e declarando réus de pena capital os perturbadores da paz do povo. Seguiu-se a grande festa dada em Pausilippo a Masaniello, aonde lhe prodigalisaram attenções e regalos, propinando-lhe, dizia o povo, uma bebida invenenada, de que enlouqueceu. O fundamento d'esta versão foi a incoherencia e a melancholia, que depois d'este dia se notava no caudilho. Aproximava-se a sua hora, e é de crer que mesmo no meio do banquete, e entre as danças, lhe viesse o presentimento da funesta sorte que o aguardava. Talvez percebesse no sorriso de muitos dos convivas o mesmo odio, que lera na benignidade do duque dos Arcos. É certo, que depois da sua ida a Pausilippo, a mente a miudo se lhe desvairava, e que alguns fumos de ambição lh'a offuscavam. Entretanto a conspiração progredia melhor planisada, e amadurecendo caminhava para o desenlace. Tudo estava disposto para o desthronar, e as medidas tomadas com tal acerto que nenhuma fallhou. A contra-revolução rebentou no dia 16 de julho, junto do paço, por ordem do vice-rei, como tudo parece comprovar, no posto das guardas de serviço. Intimando os soldados da parte de Thomaz Aniello, para se retirarem, responderam negativamente e mataram o mensageiro, e sublevando-se percorreram pela cidade, gritando que o governo do mercado tinha acabado, e que ninguem obedecia ao pescador.

Um trombeta e um tambor á frente de alguns dos insurgidos levaram a noticia ao duque dos Arcos, que a recebeu como homem que a esperava. Logo depois o paço fechou-se e poz-se em armas, e o regente da Vicária, em uma liteira, saiu ás ruas com grande acompanhamento, dando vivas a el-rei de Hespanha. A sorte estava lançada. Se o povo illudido se voltasse contra Masaniello o seu poder e a sua vida ficavam nas mãos da aristocracia. Foi o que succedeu. Os populares entregaram o seu chefe, esquecidos de que na queda elle os arrastaria consigo infallivelmente.

Pelas seis da manhã Thomaz Aniello, que não ignorava inteiramente o que se dispunha, entrou no Carmo e fez um esforço para commover o povo com discursos, em que lhe manifestou que era chegado o quarto dia das capitulações, e que estava certo de que n'elle o haviam de matar. Depois, exaltando-se, protestou-lhes, que a perda commum seguiria a sua, começando a contra-revolução por subir o preço dos alimentos, e concluindo pelo restabelecimento das antigas taxas. Esta allocução pouco effeito fez, sendo ouvida até com alguns murmurios. Á saída, o caudilho encommendou a sua alma a Deus, e pediu que orassem a favor d'elle. D'ahi, desviando-se do concurso, desceu os degraus do adro, e dera apenas curtos passos; quando caíu mortalmente ferido de dous tiros de arcabuz, disparados de uma embuscada. Os assassinos eram José Ardissonne e Salvador Cataneo, pariaes ambos da casa de Matalona e seus criados. Arrastando o cadaver pelos cabellos e levantando vozes em nome do vice-rei, cortaram-lhe a cabeça, e levaram-na ao paço, seriam sete horas da manhã. Ahi levantaram-na em um pique, que o povo indignamente convertido já para a facção da nobreza, passeou por toda a cidade entre vaias e ultrages. O irmão de Masaniello salvou-se, fugindo. Sua mulher e irmã, presas, foram trazidas ao paço, e mal-

tratadas nos mesmos sitios, aonde o duque dos Arcos honrara na pessoa d'ellas o vencedor de seu governo!

Assim, em poucos dias elevou-se e decaiu a fortuna do pescador de Amalfi, mais do que um rei em Napoles, e depois tão infeliz, que o seu corpo tornado em ludibrio serviu de juguete ás infamias da vil gentalha! Para ser completo o exemplo, não faltou a apothese. A mesma plebe que lhe vendeu o sangue aos hespanhoes, desenganada de ter perdido n'elle a sua força, rebentou em novos tumultos, proclamando a innocencia do chefe assassinado, e pondo o seu corpo e cabeça em um estrado cuberto de panno branco do Carmo, com uma espada na mão, e o bastão de commando, saiu em procissão com elle, acompanhado de duzentos padres e tochas, e seguido de tres mil soldados arrastando vinte bandeiras ao som de caixas destemperadas. Íam no sequito innumeraes mangas de povo, quinhentas mulheres chorando, e outras mais recitando psalmos e chamando-lhe bemfeitor da patria. A razão d'esta subita mudança era, logo no dia immediato ao da morte de Thomaz Aniello, (17 de julho) haver encarecido o pão, voltando aos antigos preços. Já se vê que o povo não se arrependia senão porque tinha fome.

Á uma hora da noute o cadaver conduzido com esta pompa chegou ao paço. O vice-rei, encerrado, estremeceu. Das suas janellas via arder os fornos do pão e os depositos de farinhas do Espirito Santo e dos Bancos Novos, a que os populares acabavam de lançar fogo. Para desviar a tempestade mandou alumiar o palacio, imitando as casas particulares, á medida que o prestito ía passando. As exequias celebraram-se no Carmo, aonde Masaniello, simples pescador, foi sepultado com as honras não só de capitão general do povo de Napoles, mas com o estado e grandeza de um rei corôado. Os sinos de todas as igrejas dobravam por elle, nos mosteiros sem excepção pregou-se o seu elogio funebre, dizendo-se mais de duas mil missas, e a eleição de Palombo para capitão do povo pareceu o unico meio de distrahir as commoções causadas pela queda de Thomaz Aniello, que pareceu tão ameaçadora ao governo como a sua propria exaltação. O que é indubitavel é que os acontecimentos posteriores confirmaram todos os prognosticos feitos, uma hora antes de expirar, pelo chefe assassinado.

L. A. REBELLO DA SILVA.

## INSTRUMENTOS DE MUSICA. TROMBETAS.

*Egyptios.* (1)

DEVE-SE presumir que os egypcios conheceram as trombetas nos tempos mais remotos, por isso que certos auctores attribuiram a invenção d'este instrumento a Osiris. Apulleio falla de uma especie de *busina*, que annunciava a passagem da deusa Syria, quando os sacerdotes conduziam a imagem em procissão pelos campos. O sr. la Fage, na sua noticiosa historia da musica, suppõe que esta trombeta era o instrumento que os gregos conheciam pelo nome de *knoué*, de que se serviam para chamar o povo ás ceremonias religiosas, e que, segundo Plutarcho, aterrorisava os Busirites, os Lycopolites e Abyssinios, por causa dos seus sons estridentes, que se assimi-

(1) Vid. o N.º 40 d'este volume, pag. 317.

lhavam ao zurrar do burro. Aquelles povos tinham aversão a este animal, porque o consideravam como representante de Typhon, o genio do mal.



FIG. 1 E 2.

As figuras 1 e 2 mostram, a primeira um egypcio de joelhos, embocando um instrumento que parece ser a trombeta; a segunda, tirada dos *Monumentos do Egypto* de Champollion o moço, (illustre auctor da grammatica egypcia), um egypcio tocando trombeta, tendo outra debaixo do braço esquerdo. Estas são da fôrma mais simples, porque apenas consistem em um tubo continuado até ao bocal, que abre de repente á maneira de funil. Nas figuras 3 e 4 damos outras semelhantes reproduzidas do atlas do sr. Fage.

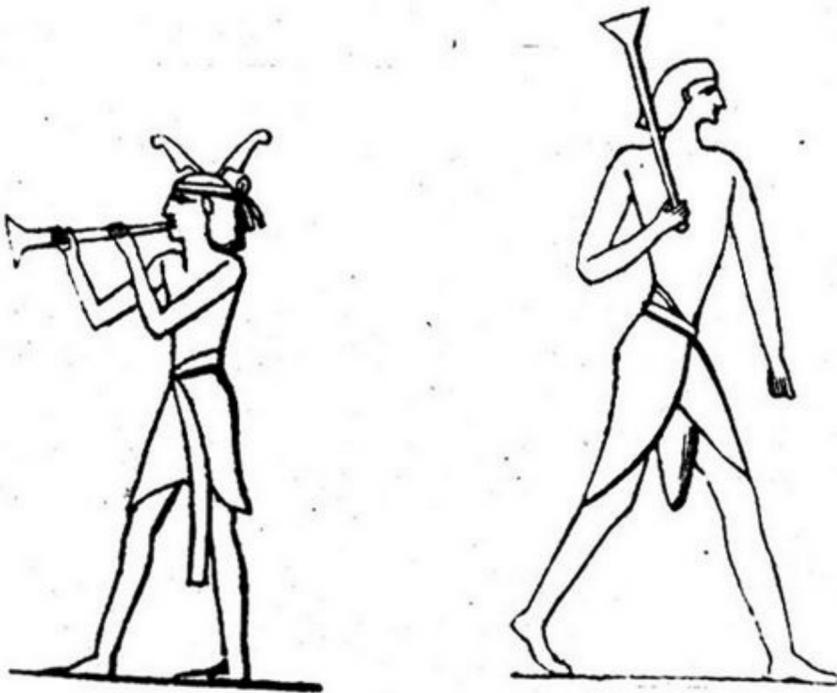


FIG. 3 E 4.

Entre os egypcios as trombetas serviam para regular a marcha de tropas, ordenar o combate, dirigir os movimentos militares, e para reunir o povo.

## VIAGENS.

### UM PASSEIO Á NORUEGA.

ESTA cidade foi varias vezes assolada pela peste e devastada pelos incendios. O ultimo fogo succedeu em 1825 e destruiu a terça parte da cidade: em con-

sequencia d'este desastre o conselho municipal decidiu que todas as novas construcções fossem de pedra ou de tijolo, porque até ali a maior parte das casas eram edificadas de madeira. Um pontal bojando para o sul fôrma o porto, aberto ao noroeste, guarnecido de casaria, e quasi de uma milha de comprimento; duas fortalezas á entrada do mesmo dominam a enseada; a mais importante, construida por Olavo, o fundador da cidade, foi antes da união da Dinamarca e da Noruega residencia dos reis noruegos, que fizeram Bergen sua capital.

Antes da reforma Bergen possuia trinta igrejas, hoje restam só cinco e nenhuma merece visita; os demais edificios publicos tambem não são interessantes. Em compensação vi na galeria do *Konst-Forening* (sociedade das artes) muitos quadros bellos de pintores noruegueses; entre elles merece primeira menção o de Jensen, domiciliado agora em Munich; representa o rapto de uma grega por um pirata norueguez. Agradaram-me muito os paizes de Duntze, artista que reside em Bergen.

Um dia, saíndo do museu, vi muitos criados que espalhavam folhas d'árvores na testada de uma casa. Cheguei-me a um homem da policia que os observava, tendo na mão a sua *estrella da manhã*, que logo direi o que é. Mas se elle percebeu a pergunta que lhe fiz por gestos, foi-me impossivel entender a resposta que deu na lingua patria. De volta á hospedaria soube que a maior parte dos noruegos costumam de tempo immemorial espalhar folhas d'árvores diante das casas onde acaba de fallecer alguma pessoa. Os parentes e os amigos do defunto apressam-se a praticar o mesmo logo que são informados da triste noticia. Quanto á *estrella da manhã* dos policias, é um globo de cobre, quasi do tamanho de uma laranja, solidamente fixo na extremidade de um grosso bastão de cinco palmos de comprido, e errigado de puas de ferro; é uma arma mui perigosa.

Vamos de caminho agora, não para as deliciosas vivendas campestres que circumdam Bergen, nem para as apraziveis montanhas (*bergen*) que campeam sobre ella e lhe deram o nome; mas para a cataracta do Voring, uma das cem maravilhas do mundo.

Partimos de Bergen a cavallo, mas prestes mudamos de transporte. Em Lyse, bonito logarejo sito á entrada dos golphos Somnager e Bjerne, tomámos um batel que nos conduziu em quatro horas á boca do *fiord* de Hærdanger que tinhamos de seguir em toda a sua extensão. Quando ali chegamos, o dia estava a findar; saltamos em terra para passarmos a noute n'uma cabana de pescadores picturesquemente assentada no alto d'um penedo de 13 a 14 braças; no outro dia embarcando cedo navegamos por aquelle *fiord*, de que tanto ouvira fallar em Bergen, e que muito excitára a minha curiosidade. Em outras muitas regiões do nosso globo acham-se montanhas, valles, chapadas de serras, lagos, catadupas; porém a Noruega é a unica que offerece aos viajantes os *fields* e os *fiords*.

A Noruega, curiosa metade da peninsula scandinava, estende-se de 57° 57' de latitude até 71° e 11' entre 4 e 29° de longitude oriental; tem de norte a sul 1,980 kilometros (320 leguas de 18 ao grau), 400 kilometros de largura media no sul e de 100 a 300 em o norte. Os Dofrinos, formados dos montes Kiolen, Dover e Sevory, a separam da Suecia. Esta cordilheira, cujos pinaros mais elevados, cobertos de neves que nunca se derremem, passam de 2,000 metros (910 braças), é parallela ao mar Glacial e ao mar do Norte, nos quaes mergulha quasi a pique a sua vertente occidental, ao passo que a oriental rebaixa-se em ladeiras successivas para o lado da Sue-

cia, do golpho de Bothnia e do mar Baltico; entre estas duas vertentes se estendem vastos platós ou chapadas que se denominam *fields* ou *ffields*; algumas situadas a mil metros e mais acima do nivel do mar tem 12 e 18 milhas; dominadas pelos mais altos picos do systema scandinavo são cobertas de lagos e as regam numerosas correntes d'agua.

De todos os viajantes é mr. Adalbert de Beaumont quem melhor explica a origem dos *fiords*. — «Imagine-se (diz) 500 leguas de serranias cobertas de neve no espaço de oito mezes, e depois o sol que brilhando de subito não cessa de apparecer sobre o horisonte noute e dia, sol abrasador e aturado a lutar com os gelos de um inverno interminavel. Facil é de comprehender quão grandiosos espectaculos nascem d'este combate. Então os rios represados recobram a sua violencia; quebram, derrubam, arrastam tudo, e formam essas cataractas gigantes de que nenhuma região do mundo appresenta idéa. Os abysmos e algares fundos, onde agora se perde a vista, entupem-se então de agua; os rochedos que as tão poderosas forças da mechanica não fariam abalar, roda-os a agua como grãos d'arcia; e os vastos sorvedouros que se poderia presumir abertos pelas convulsões do globo escavou-os a agua, mais poderosa que a polvora e o aço, porque a sua força é a constancia, e a constancia é o tempo que tudo consumma.

«Assim rasgados nas entranhas por essa devastação interior, por esses rios que saídos das cimas geladas se dirigem todos parallelamente ao mar, os alpes scandinavos dão accesso ás vagas do Oceano furioso que os minam no sentido contrario.

«Vê-se, portanto, de um lado o mar açoutando sem descanso o seu adversario inerte e avançando victorioso; do outro, as cascatas, producto das immensas accumulações de neve do inverno, que se despenham dos pincaros, se ajuntam e engrossam nas chapadas, formam as torrentes que escavam os valles, arrastam-nos comsigo, e vão reunir-se carregadas de despojos ao Oceano, que as attrahe. Assim estes dous inimigos, luctando pela mesma causa, breve se ligam e depois invadem todos os logares chãos, substituem os valles e dão origem a esses corredores estreitos, essas ruas tortuosas que tornam sem igual esta região.

«Estes cannaes, profundados até o amago das mais altas montanhas e que tem por origem e causa as catadupas e o mar, tomam o nome de *fiord* ou *ffjord*.

«De todos os *fiords* noruegueses, o de Christiania é o mais largo, o de Sogne o mais comprido, tendo para cima de 30 leguas, e o Hardanger-*fiord* o mais formoso. A maior parte se dividem em muitos ramaes, e á proporção que por elles subimos, as suas bordas vão apparecendo mais escarpadas e picturescas; quasi todos terminam n'uma cataracta. Abundam em salmões, pelo que ali fazem os curiosos da pesca excursões tão interessantes como as dos artistas. Os caçadores matam igualmente muita caça, sobre tudo do ar, nas costas e cumes das serras, cujas faldas banham as aguas dos *fiords*. Para dar idéa da quantidade de peixe que se apanha, citarei um facto. Mr. Lassels, de Liverpool, pescou em Boen, no Hardanger-*fiord*, de 30 de junho a 19 de julho de 1841, 216 salmões, pesando todos 2,145 libras; o mais pequeno tinha quatro e o mais volumoso 30 libras.»

(Continúa.)

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO I.

#### O Filho e o Pae.

Ella nasceu para matar d'encantos  
Eu, amando-a em vão, para morrer d'amores. —

SHAKSPEARE — *Othello*.

HAVIA dous dias, que na sala d'armas dos paços de Coimbra se juntavam em grande concurso os senhores e cavalleiros, os homens de religião e os officiaes da côrte. O mez de março do anno de 1211 estava a concluir, e era facil observar que o motivo, que chamava tão numerosa companhia, era um motivo triste. Nos pateos e officinas do castello não se teciam cotas, nem se lustravam arnezes. Os alfanges e armeiros não temperavam espadas, nem poliam achas d'armas. De vez em quando o tropel das rondas descendo das torres e das muralhas apenas interrompia o silencio interior, apesar da gente reunida; como só o trote dos cavallos, em que chegava á côrte mais um rico homem, cortava o silencio exterior.

Effectivamente não se tratava de novas guerras. O estandarte de Sancho I não se desenrolava outra vez nos campos de batalha. Os seus cavalleiros, que aos tres e aos cinco, se mettiam pelos vãos das altas frestas, olhando impacientes para os cabeços além da ponte, ou inquietos cravando a vista n'uma porta grossa de castanho chapeado, não tinham vindo para resolver uma entrada na fronteira, nem para tentar o cerco de qualquer das fortalezas, d'onde a bandeira arabe se hasteava em desafio ao estandarte real. A lança do rei encostada ás paredes do vasto aposento descangava para sempre.

Aquella porta de castanho da sala d'armas abria para o recinto interior, aonde eram situados os quartos de Sancho. Por ella entrou o filho de Affonso Henriques na primeira tarde de março, e já sabiam que não tornava a sair senão um cadaver, socegando na paz eterna do tumulo a sua alma ao lado do fundador da monarchia, das luctas e combates de um reinado trabalhoso.

Junto do fosso exterior do castello, então chamado *carcova*, os homens d'armas e os homens de pé da bandeira e mercê dos cavalleiros, entretinham-se com grosseiros jogos, e brutas porfias. De vez em quando os alaridos, as risadas, e os clamores rompiam do meio d'elles, e iam soar nas salas do paço. Um rumor vago, que andava no povo, dizia que D. Sancho succumbia á antiga e dolorosa molestia; mas não se cuidava que a morte caminhasse tão depressa como a tristeza sincera e hypocrita incukava na côrte. Ainda para fóra não tinha transpirado a noticia de que em poucas horas Coimbra com os gemidos levantados no dobre funebre da sua cathedral havia de annunciar a orphandade ao reino. O povo segundo o costume era o ultimo a sabel-o.

Dous cavalleiros, um que partia, outro que chegava ao palacio, cruzaram-se na ponte levadiça. Por fortuna não existiam entre elles os odios das rixas de familia.

— «Boas tardes!» disseram a um tempo, collendo as redeas aos cavallos.

— «O infante?» perguntou o que saía.

—“El-rei?” interrogou o de fóra.

—“O infante agora sobe aquelle cabeça. Em tres credos mais, aqui o tendes com os que puderam aturar a carreira do seu cavallo. E el-rei? . . . Ha esperanças, D. Martim Annes?”

—“Nenhuma! Quando, faz hoje quinze dias o vi, disse logo: Não, este não torna a ser o homem, que já foi! D. Moço Ordonhes, D. Sancho I ouve as enchadadas do coveiro.”

—“Pois era um homem!”

—“É verdade.”

—“Está só? Desfallecido?”

—“Peior do que só; os monges não lhe largam a cabeceira. Que dôr d'alma! Cada terra tirada á herança de seus filhos; cada punhado de maravedis apanhado das arcas do thesouro, dizem-lhe que o lava de um peccado mortal. E el-rei, quebrado de corpo, fraco de animo, ainda lhes dá mais do que elles pedem! . . . O infante que se apresse.”

—“Os padres, os padres! Em nos caíndo a cabeça no travesseiro, fazem de nós quanto querem! . . . Ahi vem o infante.”

Com effeito, do lado da ponte do Mondego, vinha á redea larga um tropel de cavalleiros, galgando a encosta direitos ao castello. O pendão do infante de Portugal esvoaçava nas mãos de Gomes Lourenço, seu collaço e alferes. Defronte do alcaçar a cavalgada parou. Seguiu-se uma pausa de minutos, em que se escutava só o respirar cansado dos homens e corseis. Com os ginetes á redea, os serventes vestidos de saios alvacentos torciam por entre os homens d'armas, cubertos de lorigas (1) de couro escuro, evitando na passagem as cotas (2) bordadas dos pagens, que giravam de um para outro lado com a petulancia dos verdes annos.

Decorridos instantes saíu do terreiro interior um official-mór, atravessou vagarosamente o pequeno largo rasgado diante da porta, e foi inclinar-se na presença do infante. Era Sueiro Raymundo, alferes do rei D. Sancho. Nos olhos do guerreiro velho, filho da criação de Affonso Henriques, borbulhavam as lagrimas. Assim pagava ao amigo da infancia, ao companheiro dos trabalhos, o tributo do soldado. Sem vergonha chorava diante de todos os primeiros prantos talvez da sua vida.

O infante, quasi que se sentiu orphão, encarando-o. Apertando-lhe a mão, e tão baixo que mal se percebia, disse-lhe apenas:

—“Meu pae?!”

O alferes pôz a vista no chão, e por mais esforços, a voz não se lhe soltava da garganta.

D. Affonso recuou, gemendo n'uma exclamação, que nenhuma inflexão é capaz de exprimir:

—“Meu pae!”

Era o grito das entranhas, a verdadeira dôr da orphandade.

O official-mór entendeu, e pondo-lhe a mão no braço, murmurou:

—“Ainda não.”

Sem ouvir mais nada, o principe entrou precipitadamente seguido dos cavalleiros.

Chegaram á sala d'armas. N'esse instante abria-se a porta de castanho chapeado, e um monge de alta estatura e grave aspecto, com o habito da ordem de Cister, adiantou-se para os que estavam, dizendo:

(1) Saio fabricado de loros de couro crú. Era a armadura defensiva dos homens d'armas.

(2) Vestidos com o brazão d'armas bordado sobre o peito, mais curto do que as vestes actuaes dos arautos e passavantes.

—“Reverendos bispos, veneravel mestre do Templo, e prior do Hospital, ali dentro está um moribundo, que deseja reconciliar-se com Deus, e a sua igreja antes de comparecer no tribunal da consciencia.”

O monge era o abbade d'Alcobaça; e pronunciando estas palavras, fugiu-lhe pelos beiços grossos e vermelhos um sorriso equivoco, sorriso que logo mudou de expressão assim que deu com os olhos no infante. Não se poudo conter do primeiro sobresalto, e deixou que os observadores conhecessem que lhe agradava pouco a chegada repentina de D. Affonso. A sombra de descontentamento, que passou como um relampago pelo seraphico semblante, aonde floreciam rosadas e sadias as côres da saude e da força, em vez de se estampar a pallidez dos cilicios e jejuns, foi bastante, apesar de rapida, para revelar o desgosto e o receio com que via o herdeiro da corôa.

Entre tanto, soube reprimir-se depois com arte. Aproximando-se de D. Affonso, a quem não escapava a mudança de physionomia, com ar magoado acrescentou:

—“Bem vindo, illustre infante de Portugal! A vossa presença socegará a inquietação com que el-rei pedia á Virgem, pelas dôres da Paixão de Christo, que não o levasse antes de vos abraçar. . . .”

—“E por isso só hontem é que me levaram aviso. santo abbade?” respondeu o principe.

—“Senhor da Maia, atalhou o frade, como se não ouvisse a pergunta ironica, D. Sueiro Raymundo, ricos homens de Douro e Minho, D. Sancho quer despedir-se dos seus cavalleiros.”

E acompanhado do infante, dos veneraveis padres em Christo, e dos ricos homens, sumiu-se pelo corredor, em quanto atraz d'elles a porta chapeada se fechou, e os pagens voltavam para os umbraes. D. Affonso deixou-os a todos ir adiante, e demorou-se alguns momentos.

(Continúa.)

#### AS ABELHAS E AS COLMEIAS. (1).

O modo ordinario de crestar as colmeias destróe um grande numero de abelhas, e por isso alguns apiairos intelligentes têm estabelecido outro methodo de extrahir o mel e a cêra, sem prejuizo do insecto, em maior quantidade, e de melhor qualidade.

Este methodo consiste em deixar intacta a primeira colmeia: logo que está cheia de mel e de cêra, o que acontece no mez de junho, encosta-se-lhe outro cortiço, ou colmeia vasia, com a entrada de baixo junto da entrada da outra, de modo que as abelhas achem franca passagem de uma para outra colmeia.

E então mister conservar uma temperatura uniforme na colmeia vasia, sem diminuir a temperatura da colmeia habitada; a ventilação, necessaria para conseguir este fim, obtem-se por meio de um tubo de folha de Flandres perfurado, que passe desde a tampa até a abertura do fundo, a qual se fechará mais ou menos com uma corrediça da mesma folha, para modificar a circulação do ar, e graduar a temperatura. O gráu d'esta temperatura será 70° no barometro de Fahrenheit, ou 17° Réaumur, porque é a temperatura natural de uma colmeia no princi-

(1) Veja-se ácerca das Abelhas o excellente artigo publicado a pag. 325 do 3.º vol. da 1.ª serie do *Panorama*, ao qual estas linhas podem servir de continuação e complemento.

pio dos trabalhos; mas na colmeia cheia é necessaria uma temperatura de 90° F., ou de 26° R. para a incubação da rainha, e para a preservação da cria. Esta colmeia primitiva, ou paterfamilias, é pois a residencia da rainha, e o viveiro da prole, aq mesmo tempo que as colmeias, que se lhe aggregam ao lado, apenas são armazens para deposito do mel superabundante, que se póde extrahir, sem deixar as abelhas privadas do alimento para o inverno.

Quando o thermometro na colmeia ultimamente aggregada, sóbe a 90° ou 100° F. 26° ou 30° R., é signal evidente de haver-se augmentado a familia, devendo por tanto preparar-se-lhe uma nova habitação, o que facilmente se consegue, collocando outro cortiço, ou colmeia vazia no lado opposto, como se disse respectivamente á primeira. Achando então as abelhas uma nova casa, vão habital-a, e começam logo os seus trabalhos.

Para se evitar o methodo destructivo da cresta, póde-se extrahir o mel, tomando um folle, ou ventilador, e introduzindo por um orificio praticado na tampa o ar exterior da atmosphaera, antes que se recolham as abelhas á tarde, as quaes, sentindo um frio, que não poderiam supportar durante a noute, se retiram todas para a colmeia intermedia mais abrigada; o colmeieiro então fecha a communicacão entre as duas colmeias, e leva a que foi desamparada pelas abelhas por causa do frio, cheia de favos, e sem perecer uma só abelha. Limpa a colmeia de todos os favos, repõe-se no mesmo lugar, como se fez da primeira vez, e voltando as industriosas abelhas no dia seguinte, ainda que deplorando o roubo, continuarão a trabalhar, impellidas por um instincto, a que não pódem resistir. Seguindo-se este processo, sempre os enxames se conservam no colmeial.

O mel, extrahido segundo este systema de manejo apiario, é mui superior em qualidade, e dobrado em quantidade do que se obtem por qualquer outro methodo; exhibindo a alvura do assucar refinado, assim o mel, como a cêra. A causa da qualidade superior d'este mel é devida á igualdade de temperatura com que se fórma, e preserva o armazem; e talvez, com especialidade, á carencia de materias animaes e vegetaes, que as abelhas são obrigadas a recolher para a incubação, e creação da prole, o que apenas praticam na colmeia, que serve de viveiro. A causa da maior quantidade é proveniente da excellente disposiçao dos armazens, exclusivamente estabelecidos para o abastecimento, sem paralisar a industria das abelhas, que recolherão mel e cêra, em quanto houverem fructos e flores nos arredores.

*Remedio para destruir a traça.* — O espirito de terebenthina é o melhor remedio contra o bichinho, que vulgarmente se denomina traça; este mesmo espirito serve tambem para destruir todos os outros insectos. Se collocarmos um vaso no qual se encerre um pouco d'este espirito em uma guarda-roupa ou gaveta que contenha pannos ou artigos de lã, pelles etc., este destruirá immediatamente qualquer larva de insecto.

— O que escarnece do pobre, affronta o Creador; o que se alegra da calamidade não ficará innocente.

— O perverso de coração nunca achara o bem: e o que revolve com sua lingua virá a cair no mal.

— Não ames o somno para que não empobreças: abre teus olhos, e te fartarás de pão.

SALOMÃO — PROVERBIOS.

No proximo mez de janeiro de 1853 começará a publicar-se o 10.º volume do *Panorama*. Annunciando-o, o Editor aproveita a occasião para agradecer a protecção que o publico illustrado lhe tem dispensado, e a sympathia com que foi recebido geralmente o pensamento de continuar um semanario tão illustre nos fastos da litteratura patria. Dificuldades inevitaveis na organisação de uma empresa d'esta ordem, que, como todos sabem, é inteiramente distincta das anteriores, obstaram a que a nova serie do *Panorama* correspondesse inteiramente aos seus desejos. O papel, que nos fornecem as nossas fabricas, e que ainda não reúne as condições necessarias para uma edição nítida, faz principalmente com que as excellentes gravuras que temos dado, todas devidas ao delicado buril do sr. Coelho, não sobresaíam tanto quanto era para desejar. Esperámos obter melhor papel, e continuaremos sollicitos a empregar todos os meios para que o *Panorama* venha a ser tambem um specimen dos progressos da arte typographica entre nós. Em quanto á redacção o Editor não duvida apresentar os numeros publicados como uma prova insuspeita de que não sabe faltar, nem faltará jámais ás condições exaradas no seu programma.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, e nas lojas dos sr.ºs Lavado, rua Augusta, n.º 8, Bravo, rua do Ouro, n.º 212, Zeferino, rua dos Capellistas, etc.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.ºs 1\$300 rs. Por semestre ou 26 n.ºs 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.ºs que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou por carta franca de porte, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.